

A CONSCIÊNCIA TRANQUILA DO CAPITALISMO: UMA LEITURA D'O AMERICANO TRANQUILO DE GRAHAM GREENE

Patrick Araújo Pereira¹

Altamir Botoso²

RESUMO: Henry Graham Greene (1904-1991) foi um escritor inglês autor de mais de 60 romances. Greene tornou-se conhecido por tramas policiais como *O americano tranquilo* (1955) e *Nosso homem em Havana* (1958). Em *O americano tranquilo*, podem ser observados diversos dramas presentes na vida humana, bem como uma problemática de maior amplitude, isto é, os problemas geopolíticos emergentes pós Segunda Guerra Mundial. Este romance apresenta uma crítica à ideologia perpetrada pelos norte-americanos em sua ascensão como potência global. Dessa maneira, pode-se traçar um paralelo entre o que o filósofo francês Jacques Derrida, em seu icônico livro *Espectros de Marx*, denomina de uma *consciência tranquila do capitalismo* e as falas e ações dos protagonistas da narrativa de Greene. Este artigo tem como objetivo o esclarecimento do que seria esta consciência tranquila, percebida por Greene e por Derrida. Além disso, as análises também serão pautadas pelos estudos de Nietzsche (2012), Fan (2022), Zizek (1996).

Palavras-chave: Consciência tranquila; Graham Greene; Literatura inglesa.

THE GOOD CONSCIENCE OF CAPITALISM: A READING OF GRAHAM GREENE'S *THE QUIET AMERICAN*

ABSTRACT: Henry Graham Greene (1904-1991) was an English writer and the author of over 60 novels. He became renowned for his detective plots, exemplified in books such as *The Quiet American* (1955) and *Our Man in Havana* (1958). In *The Quiet American*, various human dramas unfold, intertwined with broader geopolitical issues emerging in the aftermath of the Second World War. The novel offers a critique of the ideology propagated by North America during its ascent as a global power. A parallel can be drawn between the concept of the “good conscience of capitalism” as elucidated by French philosopher Jacques Derrida in his seminal work *Specters of Marx*, and the words and deeds of Greene’s protagonists. This article endeavors to elucidate Greene and Derrida’s understanding of this “good conscience”. Additionally, the analysis will draw upon insights from Nietzsche (2012), Fan (2022), and Zizek (1996).

Keywords: Good conscience; Graham Greene; English literature.

¹ Mestrando em Poéticas da Modernidade pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8007-922X> e-mail: c.patrick.araujo@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- Assis. Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351> E-mail: abotoso@uol.com.br

Introdução

Henry Graham Greene, comumente conhecido apenas por Graham Greene, foi um escritor britânico de ampla e profícua obra. Ao longo de sua carreira literária escreveu mais de 60 romances, muitos destes são considerados obras-primas. Apesar de se utilizar de um gênero que por diversas vezes foi considerado de menor qualidade pelos estudiosos e críticos literários³, Greene aplica ao gênero policial suplementos que aprofundam a qualidade dos seus romances. *O americano tranquilo* (1981) é uma obra que ilustra bem esta tensão entre uma trama policiaesca de entretenimento e, elementos e dramas humanos, como culpa, pecado, miséria da vida humana, amor, desilusão, inveja etc.

Este artigo tem por finalidade perscrutar a relação entre a consciência tranquila, *good conscience*, em *O americano tranquilo* – partindo de um contexto maior no qual a correlação se estabeleça com o todo –, com a *consciência tranquila do capitalismo*, conceito suplementar utilizado pelo filósofo francês Jacques Derrida (1994) em *Espectros de Marx*. Nesta perspectiva, analisar-se-á a operação ideológica presente em *O americano tranquilo* utilizando como texto de apoio o *Espectros da Ideologia* do filósofo esloveno Slavoj Žižek (1996). A natureza desta empreitada demanda uma inter-relação entre os estudos dos filósofos mencionados que possa auxiliar no esclarecimento das ideias que aqui serão desenvolvidas. Portanto, utilizar-se-ão teóricos auxiliares, assim como serão apropriados conceitos e ou ponderações oriundas de distintos textos literários que possam potencializar a análise.

Guerra, amor e morte no romance de Greene

O americano tranquilo é um romance que se passa na antiga Indochina, território que hoje corresponde aos atuais Vietnã, Laos e Camboja. O período compreende a guerra da

³ Jean Pierre Chauvin (2017), estudioso do gênero policial, autor de *Crimes de festim: ensaios sobre Agatha Christie*, afirma, em entrevista concedida a Alice Elias (2022), que “parte da crítica literária denominava o romance policial como sublitteratura” e, as razões para isso, segundo Thiago Barbosa Lacerda (2017, p. 1), pautam-se pela concepção de que o romance policial tem sido visto pela crítica literária ao longo do tempo com certa desconfiança, sob a alegação de que lhe falta profundidade psicológica e por apresentar “uma estrutura repetitiva nos enredos”. E ainda sobre esse menosprezo da crítica sobre a narrativa policial, J. C. Guimarães (*apud* LACERDA, 2017, p. 1-2) faz a seguinte observação: “O gênero quase sempre carece do fundamental, aquilo que Carpeaux, em *História da Literatura Ocidental*, chamou de ‘verdade moral e psicológica’, tão apreciada e indispensável ao gênio de um Dostoiévski, de uma Virginia Woolf ou de um Machado de Assis. A ausência desse elemento axiológico – espécie de lei pétrea do grande romance clássico – deve-se possivelmente ao fato de a ação ser mais importante do que a densidade para a finalidade da trama. E mais: o quebra-cabeças que encerra corresponde de fato a um jogo de peças pré-moldadas, baseado num ‘a priori’ que vem a ser a existência de um crime, um detetive e um assassino. É uma convenção, com a chatice de todas as convenções e enquadramentos.”

Indochina, quando os habitantes locais estão lutando contra os colonizadores franceses. Thomas Fowler – personagem principal – é um jornalista britânico correspondente de guerra. Ele possui uma amante vietnamita chamada Phuong. Fowler é um personagem decadente, o que é representado no romance por seu cinismo, seu assíduo consumo de ópio e sua sempre lembrada idade avançada. Outra personagem chave é o americano Alden Pyle. O livro é escrito em primeira pessoa, e nele, Fowler assume a posição de relatar os acontecimentos. A relação de Fowler com os demais é sempre de uma marcada superioridade cínica. Phuong é quase um personagem plano nesta perspectiva. Dotada de pouca subjetividade, ela está sempre presa num processo básico e pragmático. O americano Pyle é frequentemente descrito como ingênuo, tolo, incoerente e sonhador.

Quando Fowler conhece Pyle, este sente-se próximo daquele. No entanto, um personagem mais velho passa a se sentir substituído por um outro mais novo. Cria-se uma rivalidade, os dois lutam simbolicamente por Phuong. Fowler não pode se casar com Phuong, pois já é casado, e sua mulher não aceita se divorciar, mesmo o personagem tentando por diversas vezes. Por outro lado, Pyle é mais jovem e promete um bom casamento à Phuong. Para além do contexto romântico, o romance também explora o ambiente político e ideológico proeminente no enredo. A obra começa com Fowler sendo intimado a ir para a delegacia reconhecer o corpo de Pyle, que fora assassinado. O policial francês Virgot desconfia de Fowler e o indaga a respeito da morte do norte-americano. A partir daí Fowler passa a descrever desde o período em que ele conheceu Pyle até o momento do seu assassinato.

Pyle é um agente secreto que se aliou aos rebeldes Caodaístas.⁴ A trama passa-se sob a perspectiva de Fowler que vê os absurdos e as crueldades da guerra. Este vê que está perdendo Phuong para Pyle, conquanto descobre que o norte-americano é um agente que apoia as forças caodaístas do General Thé. Isto provoca diversas mortes, incluindo atentados que o norte-americano justifica sempre ideologicamente. Fowler, então, entrega o norte-americano aos rebeldes comunistas, marca um encontro com Pyle e este é assassinado. O enredo é permeado pelas nuances do caráter dos personagens, uma vez que Pyle demonstra sua contradição como pessoa que realmente pensa produzir o bem por intermédio dos seus atos – apoiando a implementação de bombas em vias públicas por exemplo. Fowler, por outro lado, sabe das suas contradições internas, resvalando por diversas vezes num sentimento de culpa, seja pela subjugação de Phuong, seja pela morte de Pyle.

⁴ Caodaísmo é uma religião monoteísta que mistura diversas crenças do sudoeste asiático. O General Thé é o líder da seita religiosa denominada caodaísta, e esta possui um exército (KLAFKE, 2020, p. 67).

A respeito das qualidades do romance em questão, Ritter Fan (2022, n. p.) ressalta o seu teor político e o fato de antecipar elementos da Guerra do Vietnã:

O Americano Tranquilo até pode ser classificado como uma obra policial/investigativa, já que, ostensivamente, seu foco [centra-se] no que exatamente aconteceu com Pyle. [...] O que realmente importa é o autor quase que literalmente transformando Pyle – ou, melhor dizendo, os EUA – na Terceira Força que o próprio falecido tanto fala, já deixando entrever aquilo que tornaria o livro presciente, que é, claro, o esforço militar americano no Vietnã para tentar evitar o avanço da União Soviética. [...]

E o interessante é que o peso político do que o autor escreve é aliviado pela forma como ele narra seus eventos, primeiro configurando sua história como um *whodunit* sofisticado que é apenas o verniz para o embelezamento de seu muito bem trabalhado triângulo amoroso que, por sua vez, reflete o panorama geopolítico do mundo à época e, diria, até hoje em dia em determinadas regiões. Sem dúvida é um romance presciente, mas, mais do que isso, é um romance que trata tudo com um debochado ar de falsa superioridade que consegue extrair um certo grau de humor ácido de um panorama que Greene já percebia como terrível e que nós só viríamos a enxergar o mesmo quase que totalmente em retrospecto. *O Americano Tranquilo* é uma leitura enganosamente “fácil” e “divertida”, o que só demonstra a capacidade do autor em usar sua ironia fina para tornar mastigável e palatável uma tragédia anunciada.

Além de focar um crime e os seus desdobramentos, configurando o que a crítica passou a classificar como *whodunit* (quem matou?), o livro de Greene aponta para outras questões como a guerra e os conflitos futuros entre Estados Unidos e União Soviética, colonialismo e comunismo, dentre outros aspectos que o fazem merecedor de análises e estudos mais aprofundados.

A tranquilidade de uma consciência tranquila

Zizek (1996) separa – para fins discursivos – a ideologia em 3 noções estruturantes do conceito. O primeiro chama de “em-si”, a ideologia “como doutrina, conjunto de ideias, crenças, conceitos e assim por diante, destinada a nos convencer de sua ‘veracidade’, mas na verdade, servindo a algum inconfesso interesse particular de poder” (ZIZEK, 1996, p. 15), neste primeiro momento residem os conceitos mentais dos personagens do romance. Pyle tenta por diversas vezes convencer Fowler dos pressupostos que ele considera básicos, tais como liberdade, democracia etc. O outro momento da ideologia é denominado como “para-si”, seria a sintetização pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), que “apontam a existência material

da ideologia nas práticas, rituais e instituições ideológicas” (ZIZEK, 1996, p. 18). Este momento pode ser observado pela presença do governo americano, interferindo diretamente no destino político da Indochina, por intermédio de financiamento e propaganda política. O terceiro momento apontado por Zizek (1994) é o tema deste artigo. O conformar-se a... ou a consciência que se tranquiliza e dissipa a noção clara e delimitada de ideologia. Este momento Zizek (1996) o definiu da seguinte maneira:

Na etapa seguinte de nossa reconstrução, essa externalização, por assim dizer, “refletida em si mesma”: o que ocorre é a desintegração, autolimitação e autodispersão da noção de ideologia. A ideologia deixa de ser concebida como um mecanismo homogêneo que garante a reprodução social, como “cimento” da sociedade [...] Segundo, a forma da consciência que se adapta à sociedade “pós-ideológica” do capitalismo tardio – a atitude cínica e “sensata” que advoga a “franqueza” liberal em matéria de “opiniões” (todo mundo é livre para acreditar no que bem quiser, isto só diz respeito à privacidade), que desconsidera as expressões ideológicas patéticas e segue apenas motivações utilitaristas e/ou hedonistas – continua a ser, *stricto sensu*, um atitude ideológica: implica uma série de pressupostos ideológicos (sobre a relação entre os “valores” e a “vida real”, sobre a liberdade pessoal etc) necessários a reprodução das relações sociais existentes. O que com isso se divisa é um terceiro continente de fenômenos ideológicos: nem ideologia como doutrina explícita, nem como convicções articuladas sobre a natureza do homem, da sociedade e do universo, nem a ideologia em sua existência material (as instituições, rituais e práticas que lhe dão corpo), mas a rede elusiva de pressupostos e atitudes implícitos, quase-“espontâneos”, que formam um momento irreduzível da reprodução de práticas “não ideológicas” (econômicas, políticas, sexuais etc). (ZIZEK, 1996, p. 20-21, grifo do autor)

O argumento de Zizek (1996) destacado acima, aponta para a mudança de *consciência* que estava sendo prevista por Greene (1981) no cenário pós segunda guerra mundial. Vale pontuar que Graham Greene foi um escritor católico⁵, não tinha por objetivos realizar uma crítica ao sistema capitalista, mas sim, à forma americana de se fazer política. Não obstante, seu romance resvala justamente em um dos pontos, na perspectiva de Zizek (1996), mais cruciais da crítica ao capitalismo tardio, que é a crítica à conformação ideológica. Os indivíduos não percebem e não podem perceber a ideologia como tal, nisto reside o triunfo de Pyle sob Fowler e este segue os antigos moldes coloniais segundo os quais o poder impositivo era percebido e combatido. Pyle representa o modelo liberal que pressupõe que o indivíduo que propaga e o que recebe a ideologia não a percebam como tal.

Os indivíduos de uma sociedade não veem/notam a ideologia, pois ela se imbrica na própria concepção de realidade vivenciada por eles. Ademais, essa realidade apresenta-se como

⁵ Cf. Carpeaux, 2019, p. 2736-2737.

um todo – apesar de não ser –, possibilitando que se perceba a ideologia apenas em seu primeiro e segundo momento, conforme foram explicados acima.

Para o romance, uma consciência tranquila ou uma boa consciência exige alguns pré-requisitos para ser efetiva. Primeiro, estar em consonância com a ideologia – identificada na figura de Pyle, que representa os Estados Unidos no Vietnã – é um dos requisitos principais. Segundo, conformar-se a... – tomar/assumir forma e/ou encaixar-se em determinados patamares –, como uma forma de lidar com as contradições evidentes do pensamento de Pyle acerca de sua função no Vietnã e, assim, ele busca se ancorar em conceitos para se conformar. Este conformar-se a... é sempre o encerramento das possibilidades em uma delas, ou seja, o ato da escolha – consciente e/ou inconsciente. Este raciocínio é aporético por essência, isto é, seu resultado depende diretamente de uma não-conclusão. Derrida (1994), discutindo os comentários de Heidegger acerca de alguns conceitos da filosofia de Anaximandro⁶, argumenta que Heidegger não sinaliza para esta abertura do porvir na justiça. O porvir é um traço fundamental da desconstrução, uma “condição indesconstrutível de toda desconstrução” (DERRIDA, 1994, p. 47). No entanto, esta condição deve sempre estar “ela mesma, em desconstrução e permanece, e deve permanecer” (DERRIDA, 1994, p. 47). Nesse sentido, destaca-se o seguinte excerto:

Sem o que, ela [a justiça] repousa na consciência tranquila do dever cumprido, perde a oportunidade do porvir, da promessa ou do apelo, do desejo também (isto é, sua “própria” possibilidade), desse messianismo desértico (sem conteúdo e sem messias identificáveis), desse deserto *abissal* também, “deserto no deserto”, de que falaremos mais adiante, um deserto sinalizando para o outro, deserto abissal e *caótico*, se o caos descreve primeiramente a imensidão, a desmesura, a desproporção no escancaramento de uma boca aberta – na espera ou na chamada do que denominamos aqui, sem saber, o messiânico: a vinda do outro, a singularidade absoluta e inantecipável do que chega *como* justiça. Esse messiânico, acreditamos que ele permanece uma marca *indelével* – que não se pode nem deve apagar – da Herança de Marx, e sem dúvida do *herdeiro*, da experiência da herança geral. Sem o que reduzir-se-ia a eventualidade do evento, a singularidade e a alteridade do outro. Sem o que a justiça corre o risco de se reduzir novamente a regras, normas ou representações jurídico-morais, num inevitável horizonte totalizador (movimento de restituição adequado, de expiação ou de reapropriação). Esse risco, Heidegger corre-o [...]. (DERRIDA, 1994, p. 47, grifos do autor)

⁶ Derrida aproxima a leitura de Heidegger da filosofia de Anaximandro com as afirmações de Hamlet acerca do tempo presente desajustado, sempre correlacionando com a possibilidade mesma da justiça para além do direito. Derrida (1994) concluirá que Heidegger fecha a possibilidade para a justiça na disjunção, destarte, ela perde seu porvir. Cf. Derrida, 1994, p. 39-47.

Portanto, como pode ser lido no fragmento supracitado, para Derrida (1994), a consciência tranquila é um *conformar-se a*. Isto é, o encerramento do movimento do movimento desconstrutor na ideia de dever cumprido. A desconstrução opera na abertura para o porvir. Entende-se, desta maneira, que a consciência tranquila encerra o movimento do porvir, em si mesma; o que neste ponto vale à justiça vale à ideologia. Traga-se isto para diegese do romance, partindo do título *The Quiet American*, onde o adjetivo “*quiet*” pode significar, calmo, tranquilo, pacífico, sossegado etc., nota-se que todos são sinônimos, poder-se-ia falar, sem problemas semânticos, em uma consciência calma ou pacífica.⁷ Quando na diegese aparece o termo “*good conscience*” o tradutor, Brenno Silveira, optou sabiamente por traduzir como “consciência tranquila”, ao invés da tradução literal: boa consciência. O que o tradutor percebeu, perspicazmente, é que se fala, no decorrer da narrativa, de uma consciência que busca tranquilizar-se e justificar-se ideologicamente. Este é o drama de Fowler, sua consciência não se tranquiliza à maneira da consciência de Pyle. Discutindo com Pyle sobre os conceitos importados pelo norte-americano, Fowler assim se expressa:

– De qualquer modo, os franceses estão morrendo todos os dias – e isto não é um conceito mental. Não estão conduzindo essa gente com meias-mentiras como seus políticos – e como os nossos. Estive na Índia, Pyle, e conheço o mal que os liberais causam. Não temos mais um partido liberal: o liberalismo contaminou todos os outros partidos. Ou somos conservadores liberais, ou socialistas liberais – e temos todos a consciência tranquila? Eu preferiria ser um explorador que luta por aquilo que explora, e que morre com suas ideias [...] Mas nós éramos liberais e não queríamos nenhum peso em nossa consciência. (GREENE, 1981, p. 129-130)

Cabe ressaltar no comentário inteligente e autocrítico de Fowler, que a consciência tranquila exige, por natureza, o descarte dos dejetos que lhe pesem/obstruam de alguma maneira. Derrida (1994) argumenta o mesmo na discussão acerca do lugar que a “consciência tranquila do capitalismo” (DERRIDA, 1994, p. 32) permite que o indivíduo chegue. Esse *tópos*, ético e estético, é o próprio lugar que Zizek (1996) define como *plenitude ideológica* –quando a ideologia não emerge claramente para os indivíduos –, que estava sendo antevista por Greene (1981) nos anos 50 após o encerramento da Segunda Guerra Mundial e a emersão dos Estados Unidos como potência global.

⁷ Ritter Fan (2022, n. p.) aponta também para uma outra possibilidade de interpretação do título do livro: “O “tranquilo” ou “quieto” [...] é um sinônimo para ignorante, ou, deixando de lado qualquer tipo de eufemismo, um sujeito burro, que age automaticamente com base em conhecimento reciclado.”

Zizek (1996), apesar de estar em dissonância com Derrida (1994) a respeito de alguns conceitos, serve de amparo para entender este movimento no qual a ideologia se desloca para a dimensão da própria vida, isto é, *a vida como ela é*. Não se vê mais a ideologia como falsa consciência, uma inverdade que impede o indivíduo de acessar o *real*. Este real é impossível por essência, entretanto, a realidade como produto derivado é sempre regida pela ideologia. Zizek (1996) demonstra veementemente que a vitória total da ideologia é o seu não reconhecimento, não estranhamento, isto é, o momento no qual o indivíduo pensa estar fora da ideologia. É desta forma que Pyle se vê, porém, Fowler também padece do mesmo erro atávico – isto será abordado posteriormente, quando se for discutir a relação de Fowler com Phuong. A própria natureza do trabalho de Pyle diverge de sua natureza *tranquila*. Neste caso especificamente, a ideologia, ou como Fowler comentou, os *conceitos mentais* não servem somente para justificar os atos, mas também, para ignorá-los como exteriores.

Por isto, Pyle percebe o colonialismo francês, mas não percebe a sua própria e nova maneira de fazer colonialismo – pelo liberalismo norte-americano. Então, Pyle fala em “verdades” e aponta para o outro lado como *falsa consciência* do real. Pyle afirma, por exemplo, que “é preciso que se lute pela liberdade” (GREENE, 1981, p. 131), mas a liberdade aparece como um conceito ocidental importado para a Indochina, não é a liberdade que importa de fato. Fowler tenta demonstrar isto, contra-argumentando o seguinte: “[...] não vi nenhum americano lutando por aqui. Quanto à liberdade, não sei o que significa” (GREENE, 1981, p. 131). Ao observar estas duas posturas, nota-se que Pyle demarca a vitória ideológica não mais levada por armas – como os franceses estavam, ineficazmente, tentando aplicar na Indochina–, enquanto Fowler afirma o cinismo da postura do companheiro – apesar de serem mais próximos um do outro do que dos nativos que ali vivem. Para provar o seu ponto de vista, Fowler pergunta a alguns habitantes locais o que seria a liberdade. É válido destacar este diálogo de maneira mais proeminente por sua importância:

E perguntei-lhes, através do quarto, em Francês:

— *La liberté... qu'est ce que c'est la liberté?*

Sugaram o arroz e fitaram-nos, sem dizer nada.

— Você queria que toda a gente fosse feita pelo mesmo molde? — Perguntou Pyle. — Você está argumentando só por argumentar. Você é intelectual. Você é a favor da importância do indivíduo tanto quanto eu — ou York.

— Por que é que só agora descobrimos isso? — perguntei. — Há quarenta anos, ninguém falava dessa maneira.

— É que a liberdade não estava ameaçada.

— A nossa não estava ameaçada — de modo algum —, mas quem se importava com a individualidade do homem do arrozal? E quem se importa agora? A única pessoa que trata como homem é o comissário político. Senta-

se em sua cabana, pergunta como é que ele se chama e ouve suas queixas; reserva uma hora do seu dia para ensiná-lo. O que lhe ensina, não importa; a verdade é que o trata como homem, como alguém que vale alguma coisa. Não ande pelo Oriente com esse grito de papagaio a respeito da ameaça à alma individual. Aqui, você se encontraria do lado errado: eles é que são a favor do indivíduo; nós somos a favor do conscrito 23 987, uma unidade na estratégia global. (GREENE, 1981. p. 131, grifo do autor)

Como pode ser lido no trecho acima, e a diegese do romance traduz magistralmente, trata-se da luta ideológica que se reproduziu durante a guerra fria em países periféricos. Neste caso, a oposição ideológica não é demarcada por um Fowler comunista. O espectro comunista está representado pela oposição dos nativos aos colonos e a posterior morte de Pyle. Fowler e Pyle estão no mesmo campo ideológico, ou seja, o liberalismo ocidental. Apesar de estarem no mesmo campo ideológico salientam posições diversas. Fowler e os franceses representam a Europa com seu imperialismo colonial decadente, conquanto Pyle representa o imperialismo americano aprofundado por *conceitos mentais* que *tranquilizam a consciência* do indivíduo. O último, por motivos óbvios, é o mais perigoso, uma vez que dilui a imposição em afeto. É por conta disto que Fowler argumenta que não viu nenhum americano morrer – mesmo que os Estados Unidos invadam o Vietnã posteriormente, este romance aponta para uma nova forma de colonialismo, que já precedia a própria invasão norte-americana.

Zizek (1996) ressalta a experimentação de um colonialismo que se faz por conceitos e valores, não mais por uma imposição direta da força. Isso aponta para a própria diferença entre o extinto comunismo soviético e o capitalismo americano – o filósofo aponta essa como uma das questões centrais que fizeram com que o comunismo perdesse o lugar da “verdade”. Enquanto no socialismo as palavras tinham valor, por isto se fazia necessária a censura – necessária para eles, aqui não é um elogio à censura, mas sim, busca-se demonstrar que a extrema valorização da palavra pelos socialistas fez com que a própria oposição ao socialismo crescesse em toda Europa.

Como defendido por Zizek (1996), no capitalismo, as palavras e a própria oposição nada tinham de valor, destarte, movimentos contraculturais como *woodstock* e a cultura hippie conseguiam, somente, aperfeiçoar o capitalismo. Nisto reside o que Zizek (1996) chama de paradoxo. Este “paradoxo é que *a saída da(quilo que vivenciamos como) ideologia é a própria forma de nossa escravização a ela*”(ZIZEK, 1996, p. 12, grifos do autor); esta escravização só pode se realizar como tal na medida em que ela permanece oculta “*sob o disfarce da verdade*”(ZIZEK, 1994, p. 16, grifos do autor).

Esta é a verdade vivenciada por Pyle, que naturalmente não a enxerga como legitimadora dos seus *conceitos mentais*. E Pyle compra o que poder-se-ia chamar de *pacote completo* da americanidade, se é que se pode denominar assim. Nas palavras de Fowler, “um perfeito ianque” (GREENE, 1981, p. 24). Durante a discussão acerca da morte de Pyle ocorre o seguinte diálogo entre Fowler e o Adido Econômico americano, no qual este afirma que Pyle “morreu como um soldado pela causa da Democracia” (GREENE, 1981, p. 41) e Fowler contesta veementemente:

Mataram-no porque ele era muito ingênuo para viver. Era jovem, ignorante e estúpido e deixou-se envolver. Como qualquer um de vocês, ele pouco sabia a respeito de toda esta questão, e vocês deram-lhe dinheiro, livros de York Harding sobre o Oriente e disseram-lhe: “Avante. Conquiste o Oriente para a Democracia”. Ele nunca viu coisa alguma de que não tivesse ouvido falar num salão de conferências, e seus autores e suas conferências transformaram-no num tolo. Quando via um cadáver, não tinha coragem sequer de ver os ferimentos. Uma ameaça vermelha, um soldado da Democracia.

— Pensei que você fosse amigo dele — disse-me [o Adido para Fowler] em tom de censura.

— Era, *era* seu amigo. Teria gostado de vê-lo em casa, lendo os suplementos dominicais e seguindo o beisebol pelo rádio. Teria gostado de vê-lo em segurança ao lado de uma garota americana padronizada, assinante do *Livro do Mês*. (GREENE, 1981, p. 41-42, grifo do autor)

Um soldado da democracia que luta pela liberdade evoca conceitos abstratos baseados em premissas abstratas. Como visto em outros fragmentos, o narrador sempre aponta para estes dois conceitos como os eixos centrais do *liberalismo*; poder-se-ia dizer do capitalismo, mas há uma luta interna de posições. Esta luta é refletida no relacionamento dos dois personagens com Phuong. Fowler, personagem mais velho, conservador e pragmático é substituído por Pyle, mais novo, mais esperançoso e mais liberal. Phuong logo se encanta por Pyle. Mesmo com a morte de Pyle, os *conceitos mentais* impregnaram-se em Phuong de tal maneira que ela agirá resignadamente em relação a Fowler.

Ela já havia vislumbrado em seu pensamento o futuro com Pyle. Ele representava a *terceira força* para Phuong, assim como politicamente para a Indochina. Essa terceira força se apresentava como “livre do comunismo e da mancha do colonialismo: a democracia nacional” (GREENE, 1981, p. 170). Ela está impregnada de um tom moralizante, assim como se apresenta como uma representação da *democracia*, longe dos moldes coloniais europeus e longe do comunismo. Para Phuong, Pyle é esta terceira força. Ela sabe que não pode se casar com Fowler – e, que talvez, ele nem deseje verdadeiramente este casamento; estaria com ela apenas para

usufruir do corpo da asiática –, e ela também não deseja ou vislumbra nenhum local específico, tendo em vista as condições em que se encontram – guerra civil e guerra anticolonial.

Casar com um americano, para Phuong e para sua irmã, seria, em termos práticos, ganhar um pedaço do próprio sonho americano. Então a impossibilidade da relação com Fowler é a própria demarcação da impossibilidade dos antigos modelos coloniais que estavam vigentes *a priori*. O século XX aponta justamente para esta passagem, como a história demonstrou, já que os antigos impérios ruíram durante este século, fato que marcou a passagem para a luta ideológica travada por duas superpotências: Estados Unidos e União Soviética. Não obstante, os países periféricos, que estavam sob influência de uma ou de ambas as potências, padeciam da importação ideológica. Salienta-se o caso de Phuong, após Fowler dizer que será chamado de volta para o Reino Unido, pois a asiática passa a sonhar com os lugares que ela gostaria de conhecer no mundo ocidental:

— Eu podia ir com você gostaria de conhecer Londres.

— Não seria nada agradável para você se não fossemos casados.

— Mas talvez sua mulher conceda o divórcio.

— Talvez.

— De qualquer modo, irei com você.

Disse aquilo a sério, mas pude ver-lhe nos olhos o começo de uma longa reflexão, enquanto ela tomava de novo o cachimbo e começava a aquecer a bolinha de ópio.

— Existem arranha-céus em Londres? — perguntou.

E eu a amei pela inocência da pergunta. Ela poderia mentir por delicadeza, por medo, e até mesmo para conseguir alguma vantagem, mas jamais teria a astúcia para ocultar sua mentira.

— Não — respondi — Para vê-los, você tem de ir à América.

Ela lançou-me um rápido olhar sobre a agulha e registrou o seu erro. Depois, enquanto amassava o ópio, pôs-se a falar, a esmo, dos vestidos que usaria em Londres, do lugar em que deveríamos viver, dos trens subterrâneos a respeito dos quais lera numa novela, e dos ônibus de dois andares. Iríamos de avião ou por mar?

— E a estátua da Liberdade! — exclamou.

— Não, Phuong. Isso é americano, também. (GREEENE, 1981, p. 110)

A estátua da liberdade representa um monumento mental para Phuong, o referencial de Ocidente. Para ela, passou a ser justamente isto com a aproximação de Pyle e suas respectivas promessas. Fowler sabe que perdeu sua companheira para o norte-americano, mesmo com a morte de Pyle, ela está presa a ele. E esta representatividade é percebida e odiada por Fowler, que compara um outro personagem americano chamado Granger com a estátua da liberdade. Deixando sobressair sua opinião a respeito do monumento, ele afirma que Granger se

assemelhava ao monumento, sendo assim, “uma coisa tão mal designada e sem sentido como a estátua da Liberdade” (GREENE, 1981, p. 254).

Para se esclarecer estas relações, toma-se como ponto de referência 3 pressupostos básicos: 1. Os personagens representam três respectivos atores políticos – Estados Unidos, *antigos colonizadores*⁸ e colonizados. 2. O drama político torna-se o drama individual. 3. Esta correlação entre macroestrutura e microestrutura auxilia o vislumbramento, pelo trabalho artístico, de uma passagem, uma mudança de momento geopolítico⁹. Fowler sabe que Pyle não é somente o indivíduo, chega a argumentar que Phuong estava “sendo roubada por uma nação, e não por um homem” (GREENE, 1981, p. 192). Fowler sabe que Phuong está com ele por conveniência, e tornou-se, para a asiática, mais conveniente optar por Pyle. Em um diálogo entre Pyle e Fowler, o americano pergunta ao inglês se Phuong o ama e Fowler responde:

[...] Não está em sua natureza. É um lugar-comum dizer que elas são infantis, mas há uma coisa que é infantil: elas nos amam em troca de nossas gentilezas. De uma segurança, dos presentes que lhes damos; odeiam-nos por causa de uma bofetada ou de uma injustiça. Não são sabem o que é... apenas entrar num quarto e amar um estranho. Para um homem que está envelhecendo, Pyle, isso é muito seguro: ela não fugirá de casa enquanto sua casa for feliz.

[...] [Pyle responde]

— Ela poderia preferir uma maior segurança, ou mais delicadeza. (GREENE, 1981, p. 140-141)

O que se evidencia neste excerto é a mudança de *natureza* entre um colonialismo velho e decadente para um modelo liberal *moralizante*. A conquista de Phuong pelo americano, primeiro por conveniência e depois por afeto, aponta justamente para isto. Não é apenas cômodo estar com Pyle, ela *quer* estar com ele. A própria presença de Pyle é a própria presença da nação norte-americana. No romance, esse reavivamento do colonialismo imprime desejo, nos colonizados, de *serem* colonizados. Fowler é decadente porque os antigos impérios coloniais eram decadentes nesta época. Isto justifica este argumento que o inglês emite quando Pyle salva sua vida: “quem, com mil diabos, lhe pediu para salvar-me a vida? Vim para o Oriente a fim de ser morto. Só sua maldita impertinência...” (GREENE, 1981 p. 150). A impertinência do americano é a própria resignificação do colonialismo nos moldes do liberalismo.

Outro elemento interessante a ser ressaltado é o sentimento de culpa que Fowler experimenta. Não seria essa culpa, que pressupõe o próprio ideário de dívida histórica,

⁸ Denominado desta forma no romance. Cf. Greene, 1981, p. 217.

⁹ Entretanto, aqui não há a intenção de fazer da literatura um estudo social, mas sim, aprofundar uma discussão literária e teórica. Por vezes, a literatura demonstrou sua potência em captar por meio do objeto artístico determinado espírito de uma época.

atualmente observada nas sociedades mais desenvolvidas do capitalismo tardio? Fowler sente-se culpado, porque não amou sem infringir dano à Phuong – o mesmo vale para sua relação conflituosa-afetuosa com Pyle. A dinâmica micro-macro novamente aparece, parte-se da dimensão do afeto para dimensão da política – acaso os dois seriam separáveis? “Guerra e amor — coisas que foram sempre comparadas” (GREENE, 1981, p. 209).

A culpa, no romance, exige em certa medida uma dívida; essa dívida deve ser paga, moralmente, fisicamente, financeiramente e mentalmente. Então busca-se *mitigar* a culpa, apesar de, nas palavras de Fowler, haver “tão poucas maneiras de mitigar o nosso sentimento de culpa!” (GREENE, 1981, p. 254). E, este assombramento pela culpa, reflete-se em comentários como este: “[...] tudo me havia ocorrido bem desde sua morte, mas como eu desejava que existisse uma pessoa a quem eu pudesse pedir desculpas!” (GREENE, 1981, p. 260). Repare que o grande espanto de Fowler é derivado de sua moralidade. Apesar de o personagem declarar não acreditar em Deus, é um personagem extremamente autorreflexivo e a culpa moral o persegue. Poder-se-ia dizer, à maneira Nietzscheana, que é um personagem perseguido pela sombra de um Deus morto¹⁰.

Conclusão - *La bonne conscience du capitalisme*

A busca pelo esclarecimento no romance e do termo discutido em Derrida a respeito da consciência, leva este artigo para uma discussão da natureza ideológica do conceito. Derrida (1994) dá poucas informações do que seria esta *consciência tranquila do capitalismo* (DERRIDA, 1994, p. 32). *La bonne conscience* (DERRIDA, 1993, p. 38) e *Good conscience* (GREENE, 1955, p. 38) refletem o mesmo paradigma que os tradutores do sintagma derridiano e do livro de Greene perceberam assertivamente, ou seja, que a boa consciência do capitalismo é a consciência tranquila do capitalismo. Em *O americano tranquilo*, de Graham Greene, pode ser visto o detalhamento dos aspectos desta consciência. Adjetivar o substantivo abstrato “consciência” é delimitá-lo a uma forma específica de funcionamento. Destarte, este cognato perfeito entre o inglês e o francês – *conscience* –, descreve o fenômeno que ocorre dentro da ideologia de sua não percepção.

Constata-se, assim, que é possível estabelecer uma relação entre o romance Greene com a afirmação de Derrida (1994) de que existe uma consciência tranquila legitimadora do

¹⁰ Cabe ressaltar que Nietzsche está analisando a sociedade europeia de sua época. Constata perspicazmente que apesar de ser uma sociedade com um grande número de descrentes, a sombra de Deus, isto é, os efeitos práticos da religião na sociedade europeia eram, ainda, vigentes e ordenadores. Cf. Nietzsche, 2012, p. 126.

sistema capitalista. Vale ressaltar que este artigo não teve como objetivo discutir os *Espectros de Marx*, de Derrida, mas sim, estabelecer correlações entre um termo suplementar que esse autor utilizou e o livro de Greene. Dessa maneira, a relação da “consciência tranquila” com *O americano tranquilo* fica evidenciada.

Em síntese, a formatação do capitalismo liberal e moralizante exige dos indivíduos uma resignação quanto à própria consciência. Mas esta resignação não é um movimento consciente, pelo contrário, não pode ser consciente. E assim como no romance, a consciência tranquila do capitalismo legitima os efeitos do capitalismo, não trazendo a *dívida* da consciência. Esta dívida traduzida pela culpa na figura de Fowler não se apresenta em Pyle. Pelas atuações e manifestações discursivas desses personagens, percebe-se a riqueza de um grande escritor como Graham Greene que, em um romance policial, consegue sinalizar e problematizar questões pungentes da realidade do mundo ocidental e que persistem na nossa contemporaneidade.

Referências

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019. 4 v.

CHAUVIN, Jean Pierre. *Crimes de festim: ensaios sobre Agatha Christie*. São Paulo: Todas as Musas, 2017.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____. *Espectres de Marx: L'état de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*. Paris: Galilée, 1993.

ELIAS, Alice. Nascimento de Agatha Christie. Entrevista concedida por Jean Pierre Chauvin. 15 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003111867.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2024.

FAN, Ritter. A fina ironia como arte. *Plano Crítico*. 12 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-o-americano-tranquilo-de-graham-greene/>. Acesso em: 03 dez. 2023.

GREENE, Graham. *O americano tranquilo*. Tradução de Brenno Silveira. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

_____. *The Quiet American*. London: W. Heinemann, 1955.

KLAFKE, Mariana. *O Americano Tranquilo e O Prisioneiro*: engajamento na literatura. *Claraboia*, Jacarezinho/PR, n.13, p. 62-76, jan./jun, 2020. Disponível em: <https://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/187>. Acesso em: 03 dez. 2023.

LACERDA, Thiago Barbosa. O romance policial e o ideal de justiça: uma análise comparativa entre o “Assassinato no expresso do Oriente” e “E não sobrou nenhum”, de Agatha Christie. *Anais JORNADA RDL...* Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30225>. Acesso em: 07 mar. 2024.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

ZIZEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um Mapa da Ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 7-39.

Recebido em: 08//03/2024.

Aceito em: 10/05/2024.